

De estruturas e Resistências

Ao longo da segunda metade do século XX, houve momentos em que golpes sangüinários e ditaduras tirânicas, em nome da democracia, se espalharam pelo mundo. E, como de costume, “ordem” se tornava a palavra oficial. Daí a infinita repetição, ao se encerrar o Jornal da TV, de que vivíamos numa ilha de tranquilidade em meio ao mar revolto. Sem saudosismo e muito repúdio, mas, digamos, atenção, o panorama se complicou a um ponto em que a ilha se encheu de piratas e aquele mar revolto tomou conta do mundo e quase nos desperta recordações.

Mas, sem escapismos. É melhor conhecer o mundo na esperança de conduzi-lo com muito mais cuidado.

Este novo número de *Lutas Sociais* talvez seja uma tentativa.

Angélica Lovatto, pesquisadora do pensamento político, fez sua pesquisa de doutorado, sobre uma belíssima e culta coleção produzida um pouco antes e um pouquinho depois de 1964. Eram os *Cadernos do Povo Brasileiro*, escritos de modo simples para serem entendidos pelas classes populares deste Brasil imenso e, à época, pouco povoado (70 milhões de habitantes), mas cuja participação política vinha em ascensão desde final da ditadura do Estado Novo (1945). Este foi o tema da pesquisa de doutorado de Angélica Lovatto que, agora em coautoria com Douglas R. Constâncio, o reapresenta na forma de artigo. O texto seguinte, de Oswaldo Santos Junior, aborda, com maestria, um tema original: o lugar da memória (histórica, política, cultural) na formação da cidadania crítica. Saulo Pinto aborda criticamente as formulações de Habermas e explora as possibilidades de aprofundar o estudo do processo de democratização por meio das contribuições de Lukács. Sergio Schargel traduz para o português e recorre a um *software* para fazer a análise de conteúdo de um dos, tristemente, mais célebres discursos pronunciados no século XX: o *Discurso sobre Matteotti*, de 1925. Por meio deste recurso teórico-metodológico, o autor conclui que o pronunciamento foi um dos momentos do fascismo que, longe de permanecer estagnados, se redefiniram ao longo do período. O que, segundo Schargel, reforça a tese de que “não houve fascismo, mas fascismos”. Raquel Varela apresenta, de modo candente e argumentado, sua posição a respeito da Guerra na Ucrânia, um dos mais complexos e globalmente perigosos conflitos deste início de século XXI. Ciente disso, a autora defende uma posição internacionalista, que é importante levar em consideração.

De Estruturas e Resistências é o dossiê que aglutina um conjunto de artigos sobre questões determinantes para o cotidiano da classe trabalhadora. O artigo “Crise estrutural do capital e população em situação de rua no Brasil”, de autoria de Bruno César de Oliveira Guilherme, José Fernando Siqueira da Silva, Alessandra Teixeira da Cunha Silva e Bruno Lopes Silva, discute as condições em que vive a população em situação de rua no atual estágio da acumulação capitalista. Orientados pela tradição marxista, os autores recorrem à noção de exército industrial de reserva para compreender este segmento e as diversas formas de violência e violações de direitos a que é submetido, em especial no Brasil, país de capitalismo dependente. Outro grupo de pesquisadores, composto por Anderson Kazuo Nakano, Thiago A. Gonçalves, Juan R. Guimarães, Bárbara Helena da Silva Montalva e Henry Tomio Kreniski Maru, apresentam uma reflexão sobre os processos de produção e transformação das periferias da cidade de São Paulo, que são re-significadas como *quebradas*.

E, neste momento de avanço das forças políticas de ultradireita, com impactos avassaladores, em especial no que diz respeito à retirada de direitos duramente conquistados, o dossiê recupera importantes registros de Lutas e Resistências, sobretudo de um povo que, ao longo da formação social brasileira, foi submetido às piores condições de vida.

Joelcio Jackson Lima Silva apresenta uma interpretação histórico-crítica do Movimento Negro no Brasil, recuperando a quilombagem, isto é, a rebeldia permanente organizada e dirigida pelos próprios escravizados durante o escravismo, que subsidiavam as lutas de hoje. Jucélia Bispo dos Santos estabelece uma profunda relação entre o movimento social dos quilombolas e os movimentos de luta pela terra. A luta quilombola se expande à preservação cultural e ao combate a diversas formas de discriminação, além de contribuir para a formação da identidade nacional brasileira. Em “Antirracismos e a luta política do povo negro após 2018”, Diogo Joaquim dos Santos relembra que após as execuções da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Nunes, no ano de 2018, houve um conjunto de revoltas coordenadas no sentido da contestação do neoliberalismo. No entanto, setores da esquerda, que pensam não ter uma identidade para além da identificação abstrata de classe, não conseguiram vislumbrar a importância daquelas manifestações que se abriram como possibilidades concretas em torno da conjugação mais profunda e indissociável da luta anticapitalista e do antirracismo. Taynara Freitas Batista de Souza analisa a trajetória de mulheres negras sem-teto da ocupação Maria da Penha do MTST, com vistas a identificar as motivações do engajamento delas na luta por moradia, ao mesmo tempo em que procurava compreender como a combinação das determinações de gênero, raça e classe social potencializa a sua organização política no interior do movimento. No artigo “Organizações negras na cidade de Osasco”, Ana Carolina Nascimento e Deivison Mendes Faustino examinam os processos de participação política e as mobilizações da população negra da cidade de Osasco. Para os autores, olhar para a história do movimento negro da cidade, possibilita

munir-se de elementos para pensar a conjuntura atual e formas de resistência e superação.

Para finalizar, neste número de *Lutas Sociais* são apresentadas três resenhas que dialogam diretamente com o dossiê.

Na primeira delas, Carú Silva discorre sobre o livro *A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*, do sociólogo Tiaraju Pablo D'Andrea. A obra conta uma história da desagregação da classe trabalhadora brasileira, paulatinamente derrotada pelo neoliberalismo a partir dos anos 1990. Mas também conta como essa classe se reorganizou e produziu lutas, principalmente em lugares sociais e geográficos intitulados *periferias urbanas*. Alex Sander da Silva compartilha sua leitura do livro *Racismo, Escravidão e Capitalismo no Brasil*, de Wagner Miqueias Damasceno, um jovem intelectual negro que, a partir da perspectiva marxiana e marxista, apresenta os vínculos orgânicos entre racismo, escravidão e o capitalismo. Por fim, Júlio Evangelista Santos Júnior apresenta *Uma história feita por mãos negras*, coletânea que reúne textos que sintetizam a genialidade de Beatriz Nascimento, esta intelectual que colocou no centro da formação social brasileira o protagonismo negro.

Com este novo trabalho dirigido pelo Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais, que no próximo ano completará três décadas de existência, a revista reafirma seu compromisso de diferenciar produção científica da simples reiteração ideológica do existente. Hoje, mais que nunca, é preciso combater a naturalização de relações sociais que, sob a aparente harmonia do mercado, pavimentam o caminho da barbárie.

Renata Gonçalves e Lúcio Flávio de Almeida (Editor)